

Confissão na hora do almoço

Maria Lúcia

Era costume ir à missa todos os domingos e embora tivéssemos que enfrentar as críticas do ateu confesso que era meu avô, nunca desistíamos da obrigação domingueira.

Sua crítica era um deboche ao tanto que as mulheres se enfeitavam, usando suas melhores roupas, sapatos e perfumes para ir à igreja. Não poupava nem mesmo a sua mulher, com suas críticas ácidas e as boas risadas que dava quando todas saíam em cortejo para assistir a missa de domingo.

- Ah! Já vão para a igreja namorar o padre!

As mulheres não gostavam nada de tamanha heresia, desvencilhavam-se dos gracejos e iam convictas fazer suas orações e promessas. Além da missa no domingo, aos sábados se confessavam para poder comungar a semana inteira.

Num destes sábados fui me confessar com o tal padre bonitão, que por sua beleza e juventude despertava todas as maledicências na cabeça do velho ateu.

Ao chegar na igreja me coloquei na fila para a confissão, que não era pequena e fiquei ali esperando minha vez para contar meus pecados mortais.

- Padre eu pequei! Disse mal - criações para a minha mãe, cantei na sexta – feira santa, roubei doces da minha avó e deixei meu namorado pegar na minha mão.

O padre que já conhecia de cor e salteado a minha lista de pecados, recomendou rezar muitos padres nossos, aves -marias e salve rainhas e assim eu estava perdoada para pecar tudo outra vez.

Arrependida fui me ajoelhar bem em frente do altar e pagar minha penitência. Comecei a rezar uma a uma as muitas orações, mas como tinha esquecido de levar o terço perdia a

contagem e preocupada em desagradar a Deus, recomeçava a ladainha outra vez. O tempo passou e eu nem percebi que estava atrasada para o rígido horário de almoço, praticado todos os dias, na casa dos meus avós.

De repente senti uma mão firme e pesada que se apoiava no meu ombro, olhei assustada e vi minha mãe muito zangada com o meu comportamento.

- O que é isto Maria Lúcia? Não sabes que horas são? A muito já passou o horário do almoço e teu avô está muito bravo com teu atraso. Toca pra casa, toca pra casa...

- Eu estava rezando, não prestei atenção no relógio... Desculpando-me.

- Rezando? Mas que pecado cabeludo foi este para o padre te dar uma penitência tão pesada?

- Nenhum mãe, meus pecados são sempre os mesmos. . .

- Desta vez não, alguma coisa muito séria aconteceu para o padre te castigar desta maneira. Ele me conhece sabe que te dei educação, mas o que foi que tu fizeste?

E quase gritando foi me levando porta afora da igreja em direção a nossa casa. Nada ia fazer com que ela acreditasse em mim, só um pecado muito grave teria merecido uma penitência tão severa, era o que ela acreditava.

Naquele tempo só tinha um pecado que tirava nossas mães do chão. Minha mãe estava convicta de que algo acontecera entre mim e meu namorado tão adolescente quanto eu, e por isto estava sendo punida com tantas orações, até o ponto de me atrasar para o almoço o que não era permitido naquela casa.

- O que aconteceu, diga. . . Eu falei pra não namorar. Dizia ela quase aos prantos.

- Não, não é nada disto. Eu só contei para o padre que. . .

- Ah, Meu Deus do Céu, a gente cria uma filha com todo o carinho, para passar por uma

vergonha destas. Meu Jesus o que será de mim!

Nada faria aquela mãe desesperada se calar e me ouvir, mas mesmo descontrolada dava sinais de que seu amor jamais a deixaria me abandonar.

- O que os vizinhos vão dizer? O que faremos agora?

- Mãe, não é nada disto, eu só. . . Foi lá no muro do colégio.

- Meu Deus! No muro do colégio, isto é uma desgraça. E desesperada chorava e clamava pela misericórdia divina.

Não sabia mais o que fazer para convencê-la a me ouvir e acreditar que nada tinha ocorrido entre mim e o filho da professora de Artes Manuais, ao qual ela aceitava de bom grado como um candidato com boas intenções.

Finalmente ao chegar em casa, teve que se controlar para que as pessoas não percebessem sua agitação, muito embora já devesse estar na boca das fofoqueiras da cidade que algo acontecera.

Aproveitando a mal disfarçada calma de minha mãe, consegui concluir uma frase que esperava fosse acabar com o grande mal entendido.

- Mãe, eu só deixei ele pegar na minha mão, quase deixei ele me dar um beijo, mas foi no rosto e foi lá no muro do colégio até o padre viu quando estava passando para a aula de francês. . .

- Ah. . . O padre viu? Este padre é muito moderno, não é à toa que teu avô diz “aquelas coisas” dele.

E foi entrando em casa em busca de seus afazeres.

Eu respirei aliviada, afinal tamanha exposição no muro da escola não tinha destruído a minha castidade e a minha honra.

Durante os meses seguintes fui sumariamente proibida a ficar no muro da escola com o

meu namoradinho.

Eu obedecia àquela ordem prontamente e depois fora do horário da aula, fugia para trás da igreja onde andar de mãos dadas e esperar a oportunidade para alguns beijinhos era tudo. O que por certo me levaria para o confessionário do padre bonito no próximo sábado para repetir a lista dos mesmos pecados mortais.

-- Padre, eu pequei. . .

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/confissao-na-hora-do-almoco>